

Fabulações sobre os Pobres e a Pobreza

Monique Borba Cerqueira¹

Trilhar espaços rarefeitos na geometria caótica do mundo social, percorrer narrativas que se entrelaçam, dissimulam, silenciam e revelam parte da lógica fugidia do universo dos pobres é o objetivo deste artigo. Aqui, um cenário surreal faz a realidade curvar-se a discursos racionais, fantásticos, cômicos, dramáticos e ingênuos, reforçando jargões morais e visões de mundo inacreditáveis e cruéis. São muitas as fabulações sobre os pobres e a pobreza, constituindo um campo inesgotável de “narrativas fabulosas” que mostram o que significa ser pobre. Apresentaremos algumas dessas fabulações, a partir de distintos fragmentos narrativos presentes em diferentes contextos sociais. Trata-se de discutir alguns pontos de inflexão associados à figuração do pobre, a partir de conteúdos que qualificam o emaranhado simbólico que envolve o universo da pobreza.

Pobres e Pobreza: uma breve trajetória

No Brasil, o advento recente do assalariamento, segundo o primado do mundo do trabalho e suas obrigações morais, forjou-se a partir da dicotomia entre uma população integrada e a desordem dos desocupados, representados pelos vadios ou pobres. Não foi preciso ir muito longe para que a idéia de periculosidade associada aos grupos empobrecidos fosse consolidada com as revoltas populares ocorridas entre o fim do século XIX e início do século XX (VALLADARES, 1991).

Se, até então, a condição de pobreza era atribuída a todo aquele que não era trabalhador, nos anos 50-60 observa-se a emergência de uma nova figuração do pobre (Idem, 1991). A pobreza transita espacialmente do cortiço para a favela e o pobre passa a ter sua imagem, antes referida à vadiagem, associada ao subemprego. Novas denominações e um caráter fundamentalmente técnico passam a ser adotados nas abordagens sobre a pobreza.

“A nova terminologia, importada do Banco Mundial e de organismos internacionais que exportam políticas sociais nas áreas de educação, saúde e habitação principalmente, traz como novidade a introdução da variável renda na definição de pobreza. A idéia era a de, usando deste artifício, melhor orientar a alocação dos recursos governamentais, a partir da definição de linhas de pobreza e de critérios de elegibilidade. A nova categorização, tomando o salário mínimo como parâmetro, introduz a noção de pobreza enquanto fenômeno de

insuficiência de renda. Pobreza torna-se sinônimo de carência, situação em que o atendimento das necessidades biológicas e sociais dos indivíduos e suas famílias está abaixo de um patamar mínimo” (VALLADARES, 1991).

A pobreza passa a ser objeto de estudo da Economia e o que interessa é identificar quem tem ou não capacidade para satisfazer suas necessidades básicas dentro dos padrões de consumo.

Para além do cortiço e da favela, os anos 70-80 introduzem uma outra unidade espacial para identificar os pobres e a pobreza — a periferia. O grande movimento de periferização das massas trabalhadoras provocou o afastamento compulsório da população dos pontos de centralidade urbana. Nesse período as ciências sociais brasileiras passam a localizar o pobre em função de seu lugar na produção, mas também como sujeitos políticos de transformação social, “a partir da noção de classe” (SARTI, 2003):

Os pobres foram pensados, nessa perspectiva “produtivista”, a partir de uma visão na qual, no entanto, eles próprios não se reconhecem, o que foi considerada uma marca de sua “alienação” ou “falsa consciência”.

Foi assim que o papel político dos pobres passou a ser historicamente reconhecido pela produção intelectual como deficitário em relação à transformação política e social.

Nas dicotomias presentes nos estudos sobre o seu papel político, aos ‘pobres’ urbanos coube carregar o peso do fisiológico em oposição ao ideológico, do tradicional em oposição ao moderno, do atraso em oposição ao avanço, do pessoal particularista em oposição ao universal e, acima de tudo, do material imediato em oposição aos ideais mais amplos, gerais e prementes da sociedade nacional” (ZALUAR, 2000).

Segundo Sarti (2003), tal representação negativa dos pobres continua a existir nas Ciências Sociais, com a diferença de que teria transitado da centralidade na idéia de “falta de consciência de classe para a falta de direitos de cidadania”.

¹Bacharel em Ciências Sociais, Mestre em Sociologia, Doutora em Políticas Sociais e Movimentos Sociais pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC/SP e Pesquisadora Científica do Instituto de Saúde. Contato: monique@isaude.sp.gov.br

As várias modulações pelas quais as figurações do pobre vêm passando recentemente indicam um grave retrocesso em relação aos últimos cem anos, uma vez que com a escalada da violência urbana, o trabalhador e o habitante da periferia tornaram-se suspeitos, agentes potenciais da criminalidade. O pobre voltou a ser considerado indivíduo perigoso, como na virada do século XIX (VALLADARES, 1991).

Na década de 90, a pobreza consolida-se como temática quase que exclusiva dos economistas, sempre em dia com a pauta dos organismos internacionais de desenvolvimento como o Banco Mundial (BIRD), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (SPRANDEL, 2004). O conhecimento estatístico sobre a pobreza tornou-se fonte privilegiada de informação para os organismos internacionais e debates nacionais. Nesta perspectiva, desconsidera-se que “os “pobres” são analisados de forma quase acachapante, como fossem internamente homogêneos e social e politicamente isolados” (Idem, 2004). A pobreza como numerário passa de situação real à verdade natural, consolidada e insolúvel, dada à infinidade de variáveis que a determinam.

Tanto os relatórios sobre o desenvolvimento mundial e os relatórios sobre o desenvolvimento humano estão referidos à lógica de naturalização da “pobreza” e dos “pobres”, que identifica sob estas categorias milhões de pessoas, nos mais diferentes pontos do planeta (Idem, 2004).

Várias são as faces intrigantes do que se convencionou chamar “pobreza”, palavra que se metamorfoseia, transitando de conceito à ameaça, com extrema capacidade de penetrar e se expandir no tecido social. No limite, a “sociedade brasileira está disposta de modo a perpetuar e a reproduzir a pobreza enquanto tal. Somos todos, os trabalhadores deste país, permanente e insidiosamente interpelados como pobres” (ANDRADE, 1989). Assim, um infinito campo discursivo se instaura, a fim de explicar, descrever e revelar o universo dos pobres.

Os Pobres nas Narrativas Populares

A imagem do pobre como “Zé Povinho”, pobre coitado, indivíduo de pouca inteligência, aquele que se deixa enganar facilmente revela os fortes contornos de intolerância social que possibilitaram a construção do rótulo de passividade atribuído sistematicamente aos pobres. Um tom cômico, mas também sarcástico caracteriza mensagens veiculadas, atualmente, em sites e blogs da internet, onde os pobres são apresentados como uma instituição bizarra.

“[NoMeS De PoBrE]

Francisleine
Maicon
Vanderleidson
Josielton

Ismildo
Marycleide
Nelidevalda”
(www.maisquepobre.hpg.ig.com.br/nomesdepobre.htm).

Pobres e seus inesperados nomes próprios. Segundo o jargão popular, eles “choram no último capítulo da novela”, “tomam cerveja em copo de requeijão” e “levam sopa na garrafa térmica” (<http://geocities.yahoo.com.br/brumaximus/serpobree.html>). É com escárnio que se procura descrever aspectos preciosos do universo dos pobres. A laje, sob uma visão zombeteira, é a marca da condição degradante dos pobres e não espaço vital de sociabilidade das camadas populares.

“Laje! – Tem palavra que mais denota a pobreza do que... laje?! Por favor, se sua casa ainda não está pronta, seja mais refinado e diga: Está no esqueleto...” (<http://www.hackhour.com.br/blog/index.php?itemid=4023>).

Ironia e desprezo também perpassam as comparações entre ricos e pobres:

“Rico pega o carro e sai, pobre sai e o carro pega.
Rico tem infecção na pele, pobre tem pereba.
Rico consegue, pobre descola.
Rico olha, pobre seca.
Rico decora, pobre enfeita”
(<http://www.maisquepobre.hpg.ig.com.br>).

Num outro contexto de ortopedia social, sob a lógica da tradição, estão os ditos — sentenças memoriosas que recomendam quem devemos ser e como agir socialmente. Os ditados populares, provérbios ou adágios — expressões que podem se tornar imutáveis através dos anos — reproduzem uma riqueza de imagens para ilustrar conteúdos geralmente morais. Sentenças obrigatoriamente breves e concisas, os provérbios podem expressar um pensamento, uma opinião, um conselho, uma advertência ou uma norma de conduta. Parte da tradição cultural, os provérbios podem representar uma evidência incontestável sobre a vida e, por isso, durante muito tempo, foram considerados um importante ensinamento dirigido às classes populares, que só assim teriam acesso a formas adequadas de conduta social.

“O pouco basta. O muito se gasta.
O fácil de contentar tem menos para chorar.
Alegria de pobre dura pouco.
Da justiça, o pobre só conhece castigos.
Quem cedo se deita e cedo se levanta, doença, pobreza e velhice espanta.
Pão de pobre sempre cai com a manteiga pra baixo.
Pobre é como cachimbo, só leva fumo.
Pobre é como parafuso, só vive apertado.
Pobre é que nem lombriga, quando sai da “merda”

morre.

Pobre só vai pra frente quando tropeça.

Pobre é igual a prego: toma na cabeça e ainda entra no pau”
(<http://jangedabrazil.com.br/proverbios/index.asp>).

Curioso é perceber que os ditos confirmam sempre a condição de impotência dos pobres e seu sofrimento irremediável, recomendando conformismo e retidão redobrada para enfrentar um destino simplório, previsível e antecipadamente traçado pela sua condição social.

Os Pobres na Narrativa Imagética – a fotografia

A fotografia, além de ostentar a reputação de fonte documental de comprovação da verdade, tem um profundo impacto na subjetividade e na forma como compreendemos o mundo. Ver, inspira e sensibiliza; a imagem nos guia entre paisagens, fantasias, abismos, fazendo-nos defrontar com uma verdadeira semântica das emoções. A imagem fotográfica também erige corpos, realidades, sentimentos que possibilitam a aproximação com a vida, através da reprodução chapada em papel. A complexa lógica imagética pode reforçar opiniões, aquietar, despertar ou emudecer nossos mundos interiores e nossa capacidade de ação. A fotografia provoca reações imprevisíveis.

Indagar sobre o pobre na imagem fotográfica requer perguntar o quê, quem e como está disposta a cena no ato fotográfico. É comum aos pobres protagonizarem composições visuais cujo resultado são imagens desconcertantes que emocionam e afetam nossa sensibilidade. Assim, interessa identificar as demandas morais que a imagem sugere a quem vê, especialmente, porque a fotografia tece mediações com a dor, o sofrimento, a indignação, a misericórdia, a repugnância e o temor daquele que vê.

Susan Sontag (2003), ao discutir a barbárie veiculada nas imagens da guerra, nos propõe o desafio de pensar o impacto que a dimensão sombria da dor e do sofrimento nos causa. A fotografia nos oferece o distanciamento do real, um conforto que nos possibilita o contato com realidades distantes, através de um livro, jornal ou álbum fotográfico. O argumento incisivo de Sontag nos lembra que, por muito tempo, acreditou-se que mostrar nitidamente os horrores que submetiam o ser humano pudesse ter o caráter pedagógico de combater a opressão. Hoje, percebe-se que não apenas tais fotos ilustram e corroboram o que pretendem denunciar, como podem provocar um tipo de “anestesia moral” e “emocional” naquele que vê. Soma-se a isso, o fato de que a fotografia não pode ser considerada um registro fidedigno da realidade, mas sempre estará submetida a uma intenção (Idem, 2003). Tais considerações são fundamentais para se esboçar uma leitura sobre algumas imagens produzidas sobre os pobres.

A fotografia, que por definição já é carregada de conteúdos afetivos, quando cruzada com a temática social, produz documentos de alto teor emocional. Este é o caso da chamada “lente militante” de Sebastião Salgado, que parte do pressuposto de que a fotografia constitui-se como instrumento de discussão, reflexão e ação sobre a realidade. Susan Sontag contrapõe-se à definição de Salgado:

“Quando ainda eram comuns as imagens diretas da realidade, pensava-se que mostrar algo que precisava ser visto, trazer para mais perto uma realidade dolorosa, produziria necessariamente o efeito de incitar os espectadores a sentir — a sentir mais. Num mundo que a fotografia foi posta talentosamente a serviço de manipulações consumistas, não se pode ter como algo líquido e certo o efeito de uma cena lúgubre. Em consequência, fotógrafos e ideólogos da fotografia moralmente atentos tornaram-se cada vez mais preocupados com a exploração do sentimento (piedade, compaixão, indignação) na fotografia de guerra e com as maneiras rotineiras de provocar emoção” (SONTAG, 2003).

Para Sontag, “a função ilustrativa das fotos deixa intactos opiniões, preconceitos, fantasias e informações erradas” (Idem, 2003). O pobre representado sob o enfoque da fotografia engajada não possui uma existência singular que o faz homem, mas assinala sua identidade a partir de um campo de falta, representado pela pobreza como condição segundo a qual sua natureza se submete, quase sempre, passivamente, através de esteriótipos constantes como a morte, a fome, a sujeira, a ignorância e, sobretudo, a obediência.

A imagem do pobre evidencia sua impotência e mesmo sob a “boa intenção” da crítica social que procura evidenciar a condição vil a que pode chegar o ser humano, esta figuração do indesejável não produz os efeitos de indignação capazes de mover a sociedade em direção a uma prática ou consciência social transformadora.

A Lente de Salgado

Sebastião Salgado é um fotógrafo brasileiro que se notabilizou mundialmente com a produção de imagens identificadas à crítica social. Como fotojornalista foi premiadíssimo por reportagens humanitárias e, em 2001, foi nomeado representante especial da UNICEF. Suas fotos são altamente estéticas e de indiscutível qualidade, embora a estetização da pobreza seja uma das principais críticas recebidas pelo fotógrafo, como demonstra uma matéria publicada no Daily Telegraph sobre o livro Retratos (Crianças no Êxodos):

“Já imaginou se sua família e seus amigos fossem vítimas de uma catástrofe e Salgado transformasse a cena da carnificina em uma fotografia magnífica?”

(DAILY TELEGRAPH apud FAGUNDES, 2001).

Trata-se de interrogar, não a utilização de uma estética irretocável, mas os conteúdos valorativos subjacentes à obra de Salgado que, ao compor imagens da pobreza focadas na sujeição humana, supõe criar uma mensagem de oposição e luta contra a miséria.

A lente de Salgado invade, devassa o mistério de vida e morte dos pobres. Uma fascinante estética fotográfica compõe quadros dramáticos, impactantes, fortemente emocionais. São rostos desgostosos, assustados, apáticos. A vida é, insistentemente, um desfile interminável de corpos indistintos, semblantes uniformes. Um mundo trevoso e unidimensional proíbe a visão de forças que resistam à privação. O cotidiano é linear e lúgubre.

Numa foto impressionante é possível ver um pequeno rosto de olhos brilhantes. É a imagem fabulosa de um “anjinho”, uma criança morta. Incrivelmente luminosa, esta foto contrasta com a opacidade da pobreza fotografada por Salgado.

A legenda no final do livro “Terra” (SALGADO, 1977) acrescenta:

“Segundo a crença popular do Nordeste, quando morrem anjinhos, ainda não acostumados com as coisas da vida e quase sem conhecer as coisas de Deus, é preciso que os seus olhos sejam mantidos abertos para que possa encontrar com mais facilidade o caminho do céu. Pois com os olhos fechados, os anjinhos errariam cegamente pelo limbo, sem nunca encontrar a morada do Senhor”. Ceará, 1983 (Idem, 1997).

As legendas na obra de Salgado jamais trazem qual-



quer referência pessoal aos fotografados. O incrível rosto da mulher velha cuja imagem imita os sulcos e rachaduras do solo árido; as crianças que posam para a foto no cemitério; os trabalhadores que parecem carregar o fardo do mundo, dispostos de forma idêntica, como num formigueiro humano; todos são protagonistas do padecimento, angústia e penúria, circunstâncias genéricas da privação social.



Ceará (SALGADO, 1983).



Cerimônia de enterro de uma criança.
Sertão da Paraíba, Brasil (SALGADO, 1980).



Escadas nas minas de ouro de Serra Pelada (SALGADO, 1986).

Não existe uma imagem compartilhada socialmente que represente a justiça social. Conhecemos apenas sua forma discursiva. Mas existe um ícone inequívoco da injustiça social, o pobre. Se sua presença gera desconforto, sua imagem pode ser apaziguadora, pois o distanciamento do olhar permite juízos racionalmente equilibrados, imersos em adequações morais e políticas.

A pobreza no Brasil, ao invés de obscura, é uma realidade amplamente registrada. Mas por que essa pobreza tão conhecida, tão persistente sempre foi incapaz de exigir padrões mínimos de civilização? (TELLES, 1999). Até que ponto essa ampla visibilidade que temos da pobreza nos provoca? Tropeçar na miséria é a experiência real de uma sociedade que tem criado artifícios para absorvê-la de forma silenciosa. É assim que a ampla visibilidade da pobreza na sociedade brasileira não é formadora de opinião política, não traz clareza ou transparência para solução dos problemas sociais. Grande parte do conteúdo narrativo sobre a pobreza reforça uma moral da impotência e rejeição aos pobres. Nesse sentido, a dor social da pobreza é um espetáculo fértil, construído como problema sem solução e diante do qual setores abnegados e sensíveis da sociedade continuarão a proclamar seu poder interventivo.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, R. C. Política e pobreza no Brasil. *Revista Lua Nova*, n.19, nov.1989. p.111.
 FAGUNDES, C. L. A Estética-Ética de Sebastião Salgado. Um olhar pierceano da obra fotográfica. Dissertação (Mestrado) São Paulo: PUC/SP e UNIPAR, 2001.
 SALGADO, S. Terra. São Paulo: Companhia das Letras,

1997.

SARTI, C. A. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
 SONTAG, S. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
 SPRANDEL, M. A. A pobreza no paraíso tropical: interpretações e discursos sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
 TELLES, V. Direitos Sociais. Afinal, do que se trata? Belo Horizonte: UFMG, 1999.
 VALLADARES, L. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil. BOSCHI, R. R. Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo/IUPERJ, 1991.
 ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2000.

Sites Consultados:

<http://www.maisquepobre.hpg.ig.com.br/nomesdepobre.htm>. Acesso em 05/02/2005
<http://geocities.yahoo.com.br/brumaximus/serpobree.html>. Acesso em 20/04/2005.
<http://www.hackhour.com.br/blog/index.php?itemid=4023>. Acesso em: 26/03/05.
<http://www.maisquepobre.hpg.ig.com.br/>. Acesso em 15/04/05.
<http://jangadabrasil.com.br/proverbios/index.asp>. Acesso em: 12/03/2005.

Imagens:

SALGADO, Sebastião. Disponíveis em: [<http://www.terra.com.br/sebastiaoalgado/>]. Acesso em 13/06/06 e [<http://www.nytimes.com/specials/salgado/photos/>]. Acesso em 15/06/06.